

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA
OCUPACIONAL.
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCIENE GARCIA DA SILVA

MENINOS TAMBÉM DANÇAM:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE DANÇARINOS NA ESCOLA

BELO HORIZONTE
2019

LUCIENE GARCIA DA SILVA

MENINOS TAMBÉM DANÇAM:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE DANÇARINOS NA ESCOLA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, como requisito parcial ao título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Pereira Côrtes

Coorientador: Me. Petrônio Alves Ferreira

BELO HORIZONTE
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Maria de Lourdes Garcia e Ernane da Silva, por fazerem deste sonho, que, inicialmente, parecia um sonho maluco (estudar na UFMG), virar realidade. Obrigada papai e mamãe por sonharem junto comigo, por me darem uma base firme, na qual eu pudesse me apoiar e permanecer até o fim. Serei sempre grata. Amo vocês!

Aos meus amigos Diego, Jussara, Raoni, Valéria, Juarez, Franklin Sabino e tantos outros amigos que estiveram ao meu lado, fazendo, também, o papel de família, ao me orientarem e apoiarem, ajudando-me quando eu precisava e torcendo sempre por mim. Não chegaria aqui sem vocês também.

Aos meus mestres, com carinho: Professores Gustavo Côrtes e Tarcísio Mauro; Professoras Elisângela Chaves, Isabel Coimbra e Ivana Montandon, por não desistirem de mim e confiarem no meu potencial. Vocês sempre serão minhas fontes de inspiração, como bons mestres que foram pra mim e colegas de profissão. Minha eterna gratidão e respeito a vocês, queridos professores.

Ao meu coorientador, Petrônio Alves, por me orientar e me ajudar durante o processo de escrita, além de me receber no colégio Santo Agostinho, permitindo-me aplicar os questionários aos dançarinos. Você também é uma inspiração para mim, como professor e bailarino.

E, por fim, muito obrigada a FUMP (Fundação Mendes Pimentel), que desde o meu primeiro período na faculdade me atende de forma carinhosa e atenciosa. O apoio dos/das assistentes sociais durante todo o meu percurso foi muito importante.

A todos, deixo a minha GRATIDÃO.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e compreender a relação de crianças e jovens do sexo masculino, do Colégio Santo Agostinho – Contagem, com a dança, no contexto do projeto Sarandeiros. Ao compreender melhor a percepção e relação dos meninos com a dança nesse projeto, poderemos identificar como é sua relação com a família, escola e colegas em relação à dança e se existem dificuldades ao participar do projeto dentro de um contexto escolar. Desta forma, tendo o grupo infantil e juvenil como objeto do estudo de caso, pretende-se com este estudo responder tal pergunta: “Quais os motivos que levam os meninos do Grupo Sarandeiros a dançar?”. Para buscarmos uma resposta, será utilizada uma pesquisa qualitativa através da aplicação de um questionário anônimo, com questões abertas para vinte e três meninos como instrumento de coleta de dados e posterior análise de conteúdo. No decorrer do processo, outras possibilidades de investigação emergiram do estudo, como questões de gênero, culturais e as possibilidades de se entender os processos que levam meninos a serem valorizados no ato de dançar dentro do ambiente escolar.

Palavras- chaves: Dança, Gênero, Educação Física.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Levantamento etário dos dançarinos. (2019).....	17
Gráfico 2: Quantitativo de meninos dançarinos antes do projeto do Grupo Sarandeiros. (2019).....	17
Gráfico 3: Quantitativo de meninos incentivados pelo conteúdo “Danças” nas aulas de Educação Física. (2019)	19
Gráfico 4: Motivações para o ingresso dos meninos no projeto do grupo Sarandeiros. (2019).....	21
Gráfico 5: Quantitativo de meninos apoiados pelas famílias. (2019).....	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO GERAL	12
3. OBJETIVO ESPECÍFICO	12
4. JUSTIFICATIVA	12
5. METODOLOGIA	15
6. DISCUSSÕES E RESULTADOS	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	33
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	33
ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO	35

1. INTRODUÇÃO

E por falar em dança, devido a minha experiência como bailarina e professora de dança, ampliei o meu olhar para as possibilidades de uma pesquisa futura sobre a dança. Antes de entrar no campo da educação física, eu fui professora de Ballet em um projeto de dança que eu mesma criei na Igreja onde eu frequentava. Por dois anos pude ter a experiência de dar aulas para crianças, sendo essas apenas meninas. Os meninos que por ali andavam, apenas observavam as aulas do lado de fora, mas nunca tiveram o interesse de entrar para uma aula experimental, talvez. Acredito que o Ballet, com sua fama de ser uma prática apenas feminina e por essa ideia já esta bem engessada, dificultava ou atrapalhava a aproximação dos meninos. Segundo Pereira (2013, p.03) “Os alunos tendem a questionar o conteúdo de dança como “coisa de mulherzinha”, não encontrando o significado real de sua prática dentro da escola.”.

Na literatura, também, podemos encontrar pesquisas similares a que eu pretendo fazer. Vou apresentar três delas, que dialogam com as propostas que eu venho estudando e que me ajudam a pensar sobre o que mais a minha pesquisa pode contribuir e quais as lacunas que ainda existem. SOUZA (2016) vai discutir no seu trabalho a questão do ensino de dança na Escola Parque 210/211 Norte e, principalmente, refletir sobre os motivos pelos quais os meninos evitam, ou simplesmente se negam, a participar de atividades propostas pelas oficinas de dança, oferecidas no setor de educação física como modalidade da disciplina. O ensino da dança na escola é dado por professores de educação física e por professores com formação na área de Artes, quer seja música, teatro, artes visuais ou plásticas. Para abordar a questão da importância da dança para o indivíduo e tentar entender o porquê da resistência de meninos nas aulas de dança, a reflexão feita pelo autor foi buscar meios de esclarecer essa situação dentro da Cultura, com um olhar para a sexualidade e gênero, formação dos professores, educação e a prática de ensino de danças nas escolas. Após as seis aulas de dança, mais a análise do grupo focal com dez meninos, duas meninas com faixa etária de 9 a 11 anos e dois professores, o presente artigo chega à conclusão de que a dança é uma disciplina curricular mal compreendida ou até inexistente nas escolas

brasileiras. Os papéis estabelecidos para os gêneros estão num processo sociocultural, no qual o universo masculino e o trabalho do corpo em movimento se misturam com outros valores introjetados na cabeça das crianças, como a relação idealizada do corpo, sexualidade, religiosidade etc.

Em um estudo feito em duas escolas no Rio Grande do Sul, Nascimento (2016) e Castro (2016) têm como objetivo compreenderem a visão dos professores e dos alunos meninos sobre o ensino da dança nas aulas de Educação Física escolar, com foco maior para a necessidade de se ter entendimento sobre o contexto do ensino da dança para meninos na escola, assim como as concepções de masculinidade que podem estar presentes nesses sujeitos. Após aplicação de um questionário com questões abertas para dois professores de Educação Física e um questionário com questões fechadas para dezesseis meninos do oitavo ano, é considerado pelo presente artigo que a dança é entendida pelos sujeitos da pesquisa como conteúdo da educação física, sendo relevante para a formação dos educandos. Porém, é clara, nas duas escolas, a prática e concepção de uma sociedade sexista, o que dificulta a aceitação dos meninos. Acredita-se que a relação entre dança, escola e estereótipos sexuais e de gênero permite estabelecer a relação social nas quais os meninos estão inseridos. É importante questionar conceitos sobre danças femininas e masculinas e o dançar dentro das aulas de educação física propicia e contribui para aumentar as experiências corporais e históricas aos alunos e alunas.

Já na perspectiva da formação de professores de Educação Física, Nascimento (2013) e Sawitzki (2013) buscam compreender com este estudo como se dá a formação inicial dos professores de Educação Física pelo centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, em relação à Dança como conteúdo escolar aplicado aos meninos, a partir do Projeto Pedagógico de Curso, a fim de entender a relação do homem com a dança, da Educação Física com a dança e discutir as questões da prática da dança na escola. Foi feita uma pesquisa documental partindo da perspectiva qualitativa para analisar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. Após a discussão e análise de dados coletados, percebe-se, pela justificativa do curso, que existe uma relação direta ao conteúdo dança para meninos, pois ela

esclarece que é necessário aos professores em formação inicial compreender os fenômenos apresentados pela sociedade em busca de construir saberes e derrubar preconceitos. Portanto, é válido reavaliar o projeto pedagógico de curso, para que tenha mais conteúdos abrangentes na grade curricular do que apenas esportes coletivos, buscando, por exemplo, incluir a prática da dança por meninos, pois se sabe que a possibilidade de expressão e movimentação são para ambos os sexos, sem qualquer ligação ou interferência na masculinidade dos que a executam, acabando com preconceitos construídos ao decorrer dos tempos, concluem os autores.

Assim como esses professores, eu já estava vivendo o conflito de gênero, mas não me incomodava, pois eu estava dentro do processo de naturalização das práticas corporais, então eu estava agindo dentro de uma normalidade e isso não me gerava algum incômodo. Eu já tinha a experiência da percepção da dança como uma prática feminina, mas a partir do momento em que estive em um ambiente onde tinha a ausência dos meninos e, desta vez, dentro de uma escola, passei a me questionar sobre essa não presença, assim como me propus a entender melhor quais são os elementos que podem possibilitar o afastamento ou aproximação desses alunos nessa prática. Quais os processos de resistência ou de desejo? Quais motivos os levam a querer dançar? Como professora, o que posso fazer para incentivá-los a dançar, partindo do conteúdo danças dentro da educação física? São muitos os elementos para pensar neste lugar. Desta forma, eu chego às questões que mais têm me incomodado em relação às perspectivas de generificação (atribuição a um gênero específico) estabelecidas nas aulas de educação física.

Para compreender e falar sobre gênero, é importante conceituar. A bibliografia existente sobre este conceito é bastante vasta, então busco alguns dos autores que contribuem para um melhor entendimento sobre esse estudo. Sobre a generificação, Goellner (2010, p.75) contribui dizendo:

Por *gênero*, entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de *sexo*, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O *gênero*, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando

os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é *generificado*, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele.

Na bibliografia, encontramos vários estudos que incluem discussões do que socialmente e culturalmente definimos ser feminino ou masculino e como isso pode interferir na vida das pessoas, por exemplo, quando socialmente e culturalmente a dança seria uma expressão do feminino, isso pode ser um dos motivos que afastam meninos da prática do dançar, uma vez que, para se afirmar como masculino, nega-se tudo o que é feminino.

De acordo com os PCNs (BRASIL. MEC/SEF/PCN, 1998, pp. 321-322):

[...] o conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero, toma-se o desenvolvimento das noções de 'masculino' e 'feminino' como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com grandes transformações dos costumes e dos valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem discriminações, por vezes encobertas relacionadas ao gênero [...].

Sendo assim, quando conceituamos gênero enquanto uma categoria útil à história, não estamos falando apenas sobre a história das mulheres, mas estamos falando sobre a história das mulheres com os homens e das relações entre homens e mulheres. Isso pode propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais, para chegar à construção de uma sociedade mais justa e igualitária nas suas diferenças. Segundo Scott (1995, p. 86),

O núcleo da definição [de gênero] repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o gênero surge de uma construção e convenção cultural de ideias que interfere diretamente na maneira como a sociedade percebe cada indivíduo, a partir das características comportamentais de homens e mulheres. Como corrobora Connel (1995) e Scoott (1995), conforme citado por Andreoli (2010, p. 109):

Gênero estaria, assim, relacionado a toda a organização de uma sociedade, às instituições sociais (a educação, o sistema político, etc.), aos conceitos normativos sobre o masculino e o feminino, aos símbolos culturalmente disponíveis, à economia, ao Estado, etc..

Então, voltando a compreender como cheguei a minha pergunta norteadora dessa pesquisa, no meu percurso como estudante de Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tive a oportunidade de, pela primeira vez, atuar como professora/monitora de dança dentro das aulas de Educação Física. Participei do projeto Segundo Tempo por um ano, no qual ministrei aulas de dança para os alunos do primeiro, segundo e terceiro ciclo do Centro Pedagógico da UFMG (CP/UFMG). Neste projeto, a cada semestre, os alunos podem escolher duas modalidades coletivas e outra individual que são realizadas ou no espaço físico da própria escola e no campo de futebol da Faculdade de Educação/UFMG ou nas instalações do Centro Esportivo Universitário (CEU/UFMG). Essas modalidades tinham o nome de Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), que se constitui como tempo de ampliação curricular, em que os estudantes participam de oficinas variadas (práticas corporais, robótica, clube de ciências, teatro, astronomia, redes sociais, iniciação científica etc.). Enquanto professora/monitora do projeto Segundo Tempo, ofereci GTDs de esporte, jogos e brincadeiras, teatro e dança. Como os alunos tinham livre a escolha de qual projeto ou modalidade eles gostariam de participar, percebi que os projetos relacionados à dança não havia a presença de garotos na turma, eles realmente não se mostravam interessados em fazer aulas de dança. No meu último ano no projeto, eu ofereci um GTD chamado *“Dançando Tudo Junto e Misturado”*, onde o objetivo era trabalhar com três grupos de dança: as danças clássicas, danças urbanas e danças folclóricas. Para minha surpresa, neste GTD eu tive a participação de

apenas um aluno. O único menino da turma. Com esta turma em questão eu tive a ideia de trabalhar dentro dos grupos de dança também o assunto “gênero na dança” A presença desse aluno na turma, em alguns momentos, era motivo de piada para as meninas, logo senti que eu precisava interferir e falar sobre o assunto mais profundamente. Levei para a aula filmes em que havia como personagens principais meninos que dançavam, como, por exemplo, o filme “Billy Elliot”. Durante todo o GTD, discutíamos sobre a dança ser para todos e que isso não tem haver com orientação sexual ou gênero. Ao fim, percebi que esse assunto não poderia morrer neste GTD, dado ao momento histórico atual, deveríamos discutir mais sobre as questões de gênero na dança. Eu vivenciei essas questões e outros professores provavelmente também vivenciaram. É preciso pensar numa educação que seja mais sensível para o masculino. Partindo então para um olhar sobre a relação dos meninos com a dança, pode-se levantar uma discussão sobre como compreender o processo que permite que os meninos, nossos alunos, dançam na escola, questão norteadora desta pesquisa.

2. OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a experiência de meninos que dançam no contexto escolar.

3. OBJETIVO ESPECÍFICO

Compreender melhor a percepção e relação dos meninos com a dança e suas interfaces com a família, com os colegas e com a escola.

4. JUSTIFICATIVA

A Educação Física pode ser definida em vários campos de atuação. No campo da expressão corporal, a Educação Física pode trabalhar através da dança. Entende-se que a dança possui significativa relevância na contribuição

para a formação de um sujeito histórico, crítico e criativo, a partir da ampliação dos conhecimentos enquanto educação do corpo. A partir de agora, a Educação Física tem uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece a dança como uma das atividades da cultura corporal do movimento, prevista no trabalho do profissional de educação física. A BNCC legisla a Educação Física, que hoje necessita trabalhar com todos os esportes, danças, jogos, brinquedos, brincadeiras, exercícios físicos, ginásticas, lutas, práticas corporais alternativas, práticas corporais de aventura e práticas corporais rítmicas, assim essas são organizadas no documento da BNCC, com base nas manifestações de cultura corporal de movimento.

A referência central para a estruturação dos conhecimentos em Educação Física na Base Nacional Comum Curricular são as práticas corporais. Conseqüentemente, temos a necessidade de entender a dança obrigatoriamente como uma prática corporal presente nas Artes e na Educação Física. O fato de ambos componentes curriculares, Artes e Educação Física, estarem no grande campo das Linguagens já indica, na proposta atual da BNCC (2017), uma grande proximidade e uma interação entre os conhecimentos, conforme a Base Nacional Comum Curricular, na área de Linguagens, Educação Física (Tópico 4.1.3, Governo Federal, 2017):

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção.

É de responsabilidade desse componente curricular problematizar uma vasta e enriquecedora experiência para os alunos a partir das práticas corporais na escola. Com essa perspectiva, hoje a Educação Física é entendida como uma área de conhecimento da *Cultura Corporal de Movimento*, sendo assim, o cuidado com o corpo não deve ser tratado como algo mecânico, visando apenas o desenvolvimento do aspecto físico,

independentemente dos demais, como era anteriormente, mas, sim, na perspectiva de sua relação com os outros sistemas: o mental, o emocional, o estético, o religioso etc.

A dança dentro da escola procura desenvolver não apenas capacidades motoras das crianças e adolescentes, mas extrapola esse universo e aborda, também, suas capacidades imaginativas e criativas. O conteúdo dança não tem como objetivo visar à técnica ou formar bailarinos profissionais dentro da escola, pelo contrário, ela deve se apresentar como mecanismo de expressão do corpo, fazendo com que as crianças possam expressar suas emoções e compartilhá-las através de movimentos corporais apresentados em coreografias ou sequências coreográficas, individuais ou em grupo, assim como está descrito na BNCC (2017, p.195):

Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo. Eles têm, assim, a oportunidade de repensar dualidades e binômios (corpo versus mente, popular versus erudito, teoria versus prática), em favor de um conjunto híbrido e dinâmico de práticas.

É relevante o desenvolvimento da dança na escola, pois pode enriquecer, estimular e ampliar o repertório motor dos alunos, incentivando a capacidade criadora, o que leva os alunos a pensar, sentir e agir de forma cultural e humana. É através da cultura corporal de movimento que a dança se insere no contexto da Educação Física. A análise de Pereira (2013) corrobora dizendo que é neste contexto que professores possuem a difícil tarefa de ensinar a dança, principalmente com os meninos, de forma a compreender nos espaços escolares esse conteúdo como ato de reflexão, conhecimento e possibilidades de uma consciência crítica e reflexiva sobre seus significados.

Partindo de questionamentos ao longo do meu percurso como professora, dançarina e de outras questões que vivencio na minha história com a dança e a educação física, decidi que o objeto do meu trabalho é o Grupo

4. Você sentiu vontade de entrar para o projeto do Grupo Sarandeiros por causa das aulas de dança dentro da Educação Física? Sim: Não:
5. Se a resposta anterior for NÃO, o que te levou a participar do projeto do Grupo Sarandeiros?
6. Se a resposta da questão número 4 foi SIM, o que te incentivou nas aulas de dança na Educação Física?
7. Sobre sua família, como sua família lida com o fato de você dançar? Sempre te incentivaram?
8. Sobre seus colegas, como é a relação dos seus colegas que não dançam com o fato de você dançar?
9. Qual a importância da dança na sua vida?

A escolha deste grupo de meninos está relacionada com a falta de trabalhos e pesquisas com este perfil: “meninos que dançam”. A pesquisadora teve como objetivo no questionário investigar a experiência de meninos que dançam no contexto escolar. A seleção dos participantes ocorreu a partir do contato da pesquisadora com o grupo de dança e estabeleceu categorias e discussões voltadas para o interesse da pesquisa. A partir do estudo de caso, das respostas dos questionários e da análise do conteúdo, foi realizada a discussão com as categorias definidas previamente, para compreender melhor a percepção e a relação dos meninos com a dança e suas interfaces com a família, com os colegas e com a escola.

6. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Devido à escassez de pesquisas com a temática proposta nesta pesquisa, optamos por discutir a bibliografia e os resultados a partir da análise do conteúdo das respostas dos questionários. Assim, faremos um diálogo entre os autores e as respostas dos integrantes do grupo.

Foram escolhidos para esta pesquisa os meninos do grupo infantojuvenil e juvenil. A escolha desta faixa etária considerou que essas crianças e adolescentes têm maior tempo no grupo, maior conhecimento do trabalho e por isso vão conseguir fazer uma maior análise crítica sobre o ato de dançar.

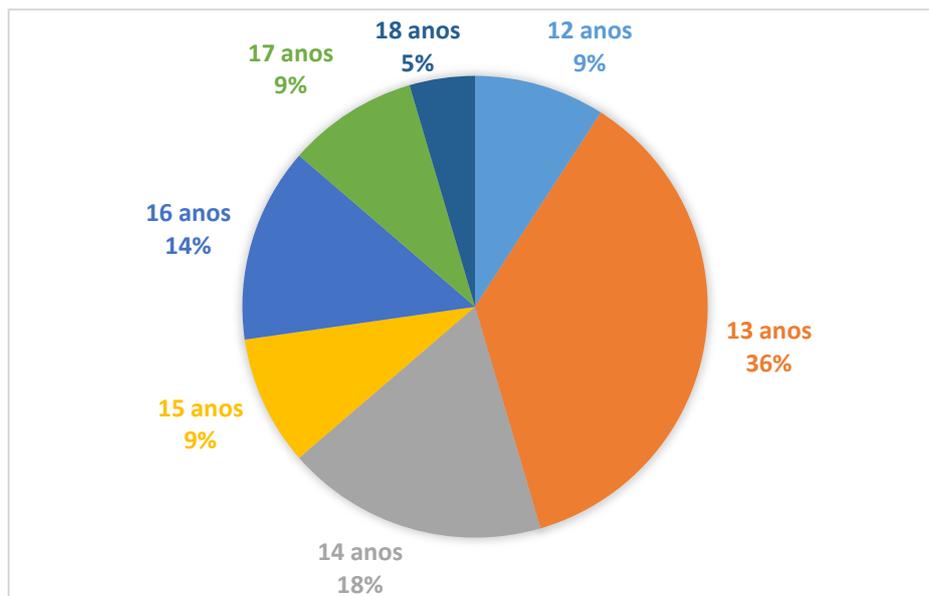


Gráfico 1: Levantamento etário dos dançarinos. (2019)

Sobre a pergunta se os meninos dançavam ou não antes do projeto Grupo Sarandeiros, a análise apontou que:

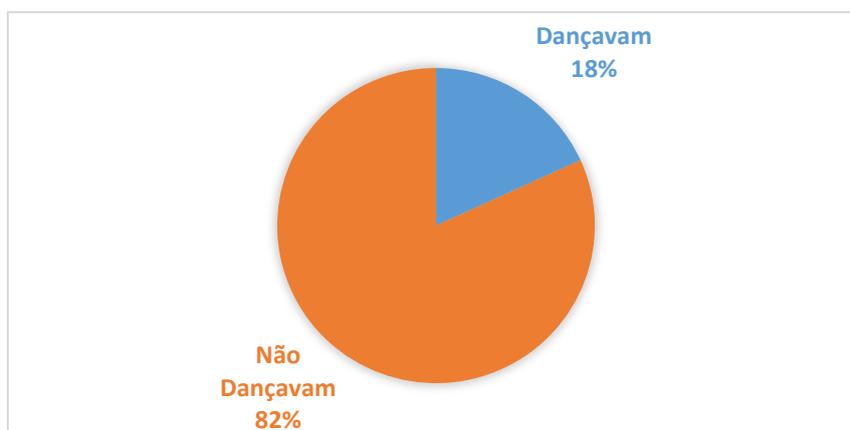


Gráfico 2: Quantitativo de meninos dançarinos antes do projeto do Grupo Sarandeiros. (2019)

Dos meninos que responderam que sim, que já dançavam antes de fazer parte do projeto do Grupo Sarandeiros, dois responderam que o dançar estava relacionado com algum momento familiar, por exemplo, em casa com o primo ouvindo e dançando Michael Jackson ou indo com os pais em alguma festa, e outros dois responderam que a sua experiência prévia com a dança veio da participação da antiga escola, SESI, onde participaram de um grupo dentro da escola de danças urbanas, como podemos ver nos relatos a baixo:

“Já dancei quando estudava no Sesi, fazia parte de um grupo que dançava dança de rua”. (dançarino C)

“Eu já havia participado de um grupo de dança na minha antiga escola, SESI, mas não era um grupo tão abrangente como o Sarandeiros”. (dançarino D)

A partir desta questão, podemos perceber a falta de contato e experiência dos meninos com a dança, o que é muito diferente das meninas, que normalmente fazem o ballet clássico desde cedo. E a escolha pela dança, quando é feita pelos meninos, normalmente ela estará relacionada com as danças urbanas, como, no relato, o Hip-hop. Como ressalta Seffner e Santos (2012), além do hip-hop, o incentivo de pais e professores por vezes vão estimular o menino a dançar música típica gaúcha, ou até dança de salão, mas o balé, o jazz, o sapateado e outros ritmos semelhantes são descartados ou vivamente condenados. Podemos, então, pensar que a escolha pelo hip-hop pode estar relacionada com a busca por reforçar a masculinidade, já que, em sua maioria, ele é praticado por homens. Nesse sentido, Kleinubing e Saraiva (2013, p.14 apud SANTOS; SEFFNER, 2008, p.01) destacam:

Sobre as implicações em relação ao imaginário construído em nossa cultura sobre a prática da dança ser uma atividade essencialmente feminina, esses autores questionam sobre “os esforços, acordos e negociações feitas pelos meninos que o praticam [hip-hop] para serem significados como masculinos e, também manterem-se nesse lugar” [...]. Ao estudarem a produção de masculinidades no hip-hop, refletem sobre o outro extremo na área da dança apontando para pedagogias que imprimem no corpo modos hegemônicos de viver o masculino, assinalando que “a mulher, neste espaço, ocupa uma posição coadjuvante e auxiliar”.

Em relação se as aulas de dança como conteúdo da Educação Física os incentivaram a participar do projeto do Grupo Sarandeiros:

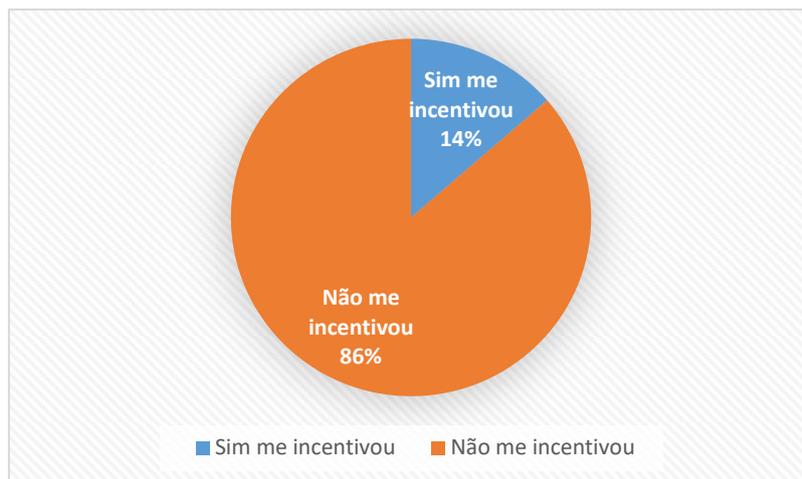


Gráfico 3: Quantitativo de meninos incentivados pelo conteúdo “Danças” nas aulas de Educação Física. (2019)

Sobre a resposta positiva, os dançarinos relataram que o conteúdo dança dentro das aulas de educação física foi responsável por intensificar o desejo por dançar além das aulas na escola. O professor, ao apresentar os tipos de dança, passa aos alunos uma atividade física divertida e prazerosa, o que os levam a aumentar o interesse pela dança e, assim, procurar o projeto do Grupo Sarandeiros, que, segundo os relatos, foi por apresentação do professor de Educação Física que eles tomaram conhecimento da existência do projeto. Relato do dançarino Y:

“Não foi o principal motivo para eu ter interesse pelo grupo, mas foi responsável por intensificar o meu desejo. Ao ver uma atividade física como a dança, algo divertido/prazeroso, e frente a minha inquietude com relação ao ócio no meu dia a dia, eu tive um grande interesse em participar do grupo, junto aos meus amigos (as)”.

Outro dançarino J:

“Um dos motivos para entrar no Grupo Sarandeiros foi, sim, por causa da Educação Física, por causa das aulas de Educação Física, o que me incentivou foi que, nas aulas, o professor mostrava um pouco mais sobre o grupo enquanto tínhamos as aulas de dança”.

Acreditamos que ainda é necessário estudar a tensão entre o que é dançar na educação física, no Grupo Sarandeiros e fora da escola como uma

oportunidade de expansão dos estudos sobre a relação de gênero colocada para as crianças e adolescentes em suas interações com o ato de dançar.

Retomando o questionário, não foi pedido para justificar a escolha da resposta sobre a educação física não ter sido responsável para incentivá-los a participar do projeto, mas, espontaneamente, os dançarinos D e K responderam:

“As aulas de dança dentro da educação física não são muito organizadas, e os professores tendem a fazer com que os alunos entendam somente o conceito da matéria, deixando a coreografia não muito legal, desinteressando o aluno”.

“A vontade de dançar não veio da educação física, porque não eram coreografias tão elaboradas e nós não as apresentávamos”.

Esses resultados podem nos levar a uma possível reflexão de que o conteúdo “danças” não vem sendo abordado nas aulas de educação física de forma a contribuir para o incentivo desses meninos em dançar fora do horário escolar. Isso pode nos sugerir que, ou esse conteúdo não vem sendo abordado nesse contexto, ou que é abordado de forma superficial. Nesse sentido, Rocha e Rodrigues (2017 p.17), destacam a problemática da abordagem da dança apenas nos eventos festivos das escolas, dizendo que:

Convém ressaltar que a Dança, como conteúdo na escola, se apresenta mascarada. Um processo sistematizado para o desenvolvimento do ritmo e do movimento é substituído pelos treinamentos para festas usualmente comemoradas, a fim de apresentações. Subestima-se o processo investigativo nas descobertas deste conteúdo a favor de uma plasticidade promocional.

Dessa forma, fica evidente que ainda existe um distanciamento da dança nas aulas de Educação Física nesta escola e neste contexto. A educação física não vem cumprindo com o objetivo de despertar o interesse dos alunos na dança como atividade extracurricular. Este estudo deixa em aberto a possibilidade para novas pesquisas, buscando compreender o que é preciso fazer para que o conteúdo dança seja mais significativo dentro das aulas de educação física.

Na questão “Se não foi a educação física, então o que te levou a querer dançar no Projeto do Grupo Sarandeiros?”, encontramos vários relatos que nos fazem analisar e refletir sobre os caminhos que levam esses alunos de encontro à dança.

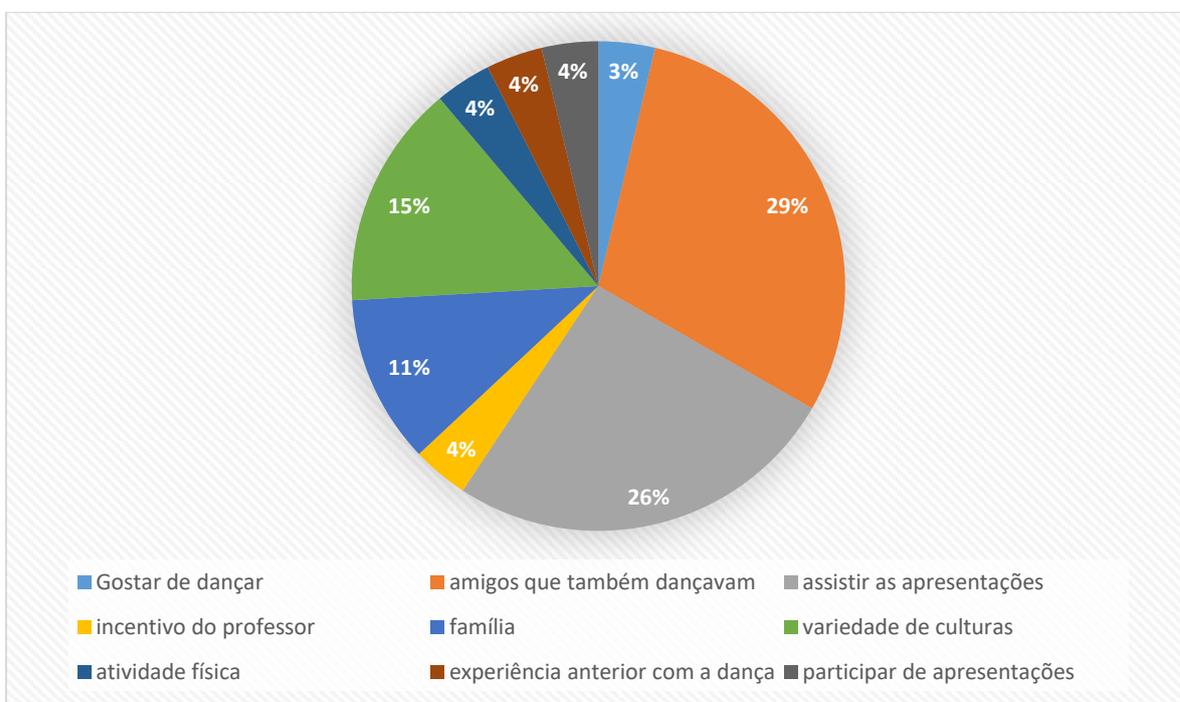


Gráfico 4: Motivações para o ingresso dos meninos no projeto do grupo Sarandeiros. (2019)

Abaixo reproduzimos relatos dos alunos em relação a cada categoria que os incentivou a participar do projeto do Grupo Sarandeiros:

TABELA DE ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS EM ENTREVISTA	
CATEGORIAS	TRECHO EM DESTAQUE
Gostar de dançar	“Eu entrei no Sarandeiros porque tinha colegas que faziam e porque eu gostava de dançar.”. (dançarino F)

<p>Incentivo dos amigos que já participavam do grupo e de alguns que também iriam participar</p>	<p>“O que me levou a participar do grupo foi, principalmente, a influencia que eu sofri por parte dos meus amigos de sala, afinal, todos eles faziam parte do grupo antes de mim.” ou “Um amigo que participava me incentivou a participar, ao ver um ensaio me apaixonei e quis participar.”. (dançarino H)</p>
<p>Assistindo às apresentações do grupo na escola</p>	<p>“Foram as apresentações do Grupo Sarandeiros, além do incentivo dos meus amigos que já participavam.”, em outra interpretação: “Após ver uma apresentação do grupo em um evento da escola fiquei interessado e conversei com o professor, porém não existia para a minha idade, depois de um tempo recebi o convite dele.”. (dançarino P)</p>
	<p>“Eu achava muito bonitas as apresentações realizadas pelo grupo e queira fazer parte delas.”. (dançarino R)</p>
	<p>“Eu assistia vídeos do Sarandeiros e gostava muito, aí eu quis entrar.”. (dançarino W)</p>
	<p>“Eu estudo na escola aqui desde sempre, então sempre fui apaixonado com o as apresentações do grupo Sarandeiros. Desde menor tive vontade de entrar, mas acabei fazendo o teste ano passado depois do incentivo da minha mãe e de alguns amigos.”. (dançarino Y)</p>
<p>Incentivo do professor Petrônio (professor de Educação Física)</p>	<p>“Foi a partir de incentivos do professor Petrônio e de uns amigos que já fazem parte do grupo” (dançarino X)</p>

Incentivo da família	“O que me levou a participar do projeto foi o fato de que achar muito divertido e também pelo incentivo da minha mãe.”. (dançarino T)
	“Curiosidade, e também porque eu sempre quis dançar e minha família sempre me incentivou. E ao observar os outros dançarem me interessei.”. (dançarino Z)
Pela variedade de culturas e rituais apresentados nas histórias contadas pelas coreografias	“Senti vontade de entrar para o Grupo Sarandeiros pela variedade de culturas e rituais presentes nas histórias das coreografias” (dançarino L)
	“Desde a primeira apresentação do Grupo Sarandeiros, penso em como conseguimos representar culturas diferentes e como isso seria legal para apresentar para diversas pessoas.”. (dançarino C)
Apenas para praticar alguma atividade física	“Eu entrei para ver como era e para fazer atividade física e eu acabei gostando.”. (dançarino N)
Por causa da experiência anterior dançando em um grupo	“Eu senti vontade de entrar justamente pelo fato de eu dançar, quando ainda pequeno, e as pessoas dizerem que eu tinha talento.”. (dançarino M)
Participar de apresentações	“O que me levou a participar do Grupo Sarandeiros foi o fato de nós apresentarmos as coreografias e sermos quase uma família” (dançarino X)

Dialogando com um estudo similar que investigou os fatores e condições motivacionais em dança para crianças e adolescentes, especificamente buscando compreender a importância que esses fatores e condições

exerceram sobre a entrada e permanência em um projeto extracurricular de Dança Folclórica, Santos (2015, p.44) destaca:

Na minha observação, durante a minha prática como professor do projeto em questão, os fatores motivacionais mais evidentes são a prática da dança em si, a participação em espetáculos de dança, a participação em festivais de dança e a possibilidade de participação em viagens. Nesse sentido é nítido o interesse dos alunos pela dança e a importância desse aspecto na motivação dos jovens em questão. Para esses alunos, estar em cena é dos fatores mais importantes para a permanência no Grupo Sarandeiros. Esse aspecto fica evidente na alta adesão dos alunos para apresentações, festivais e viagens que o grupo realiza. O número de alunos ausentes em véspera de apresentação é praticamente zero.

Nesta perspectiva, um estudo completa o outro, já que as categorias “participação em espetáculos de dança”, “participação em festivais de dança” e “possibilidade de viagens” achadas no estudo citados acima não aparecem nas respostas dos meninos nesta pesquisa, o que nos mostra que vários motivos podem incentivar os dançarinos a participarem de um projeto extracurricular de dança na escola, como o fato de assistir as apresentações do Grupo Sarandeiros e se encantar, ou pelo principal motivo mostrado aqui, o incentivo dos amigos que também gostam de dançar ou que já participam do grupo.

Relação com a família: incentiva ou não?

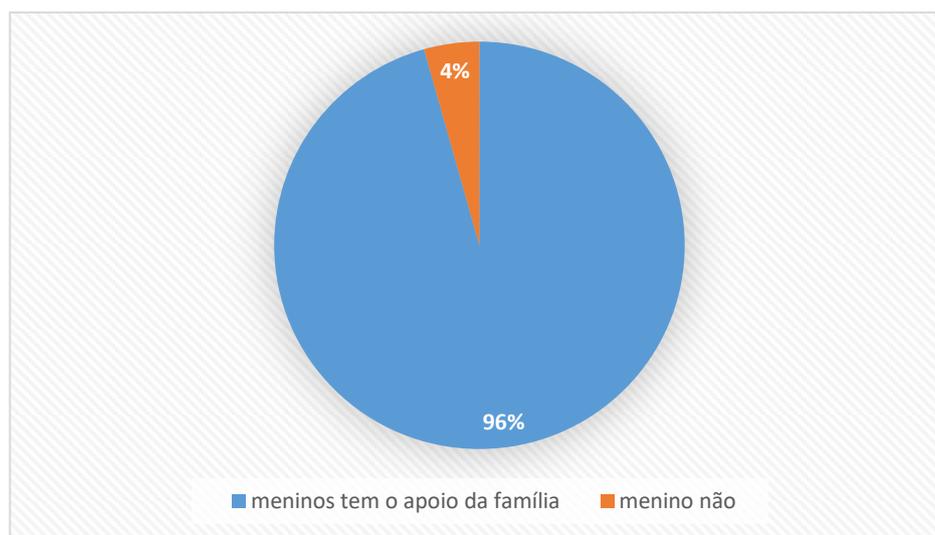


Gráfico 5: Quantitativo de meninos apoiados pelas famílias. (2019)

96% das famílias apoiam os meninos a dançarem, segundo os resultados achados nesta pesquisa. Também percebemos nos relatos dos meninos que há uma presença forte do incentivo das mães. O apoio da família para os dançarinos é de extrema importância, não apenas para iniciar a participação no grupo e dançar, mas, também, como podemos perceber em um relato, para permanecer no grupo, como os relatos a seguir apontam:

“Minha família sempre me incentivou e incentiva até hoje, quando mais novo já até pensei em sair, porque não estava motivado e por não saber as danças, mas minha família me fez continuar e me motivou de novo. Sou muito grato a eles.”. (dançarino H)

“Sim, eles me incentivam muito a fazer dança, pois mostra mais culturas e o conhecimento é algo sempre bom.”. (dançarino V)

“Minha família sempre me incentivou a praticar atividade física, quando apresentei sobre o projeto do Sarandeiros, fui fortemente apoiado.”. (dançarino T)

“Minha mãe e irmãs sempre me incentivaram e têm orgulho das minhas apresentações. Minha mãe inclusive foi quem me convenceu a fazer o teste, dizendo que achava que eu levava jeito para dança.”. (dançarino Z)

“Minha família acha que a dança é uma ótima atividade extracurricular e sempre quiseram que eu participasse de uma atividade como essa.”. (dançarino K)

Esse apoio forte das famílias também é presente em um estudo recente sobre gênero e sexualidade na dança, nessa mesma escola em que realizamos esta pesquisa. Ao analisar essa categoria “família” e a seguinte em relação aos colegas dos dançarinos, estaco que, a partir do trabalho de Ferreira (2019), as famílias não só apoiam seus filhos a dançarem e participarem de um grupo de dança, mas, também, apoiam pesquisas que venham a colaborar com discussão deste e outros assuntos relacionados à dança e ao gênero (FERREIRA, 2019. p.59).

Em duas semanas, apresentei o projeto para os responsáveis dos 25 estudantes que faziam parte do grupo juvenil naquele momento. Em todas as conversas, pude perceber que a pesquisa contaria com o apoio das famílias. “De maneira geral, os pais se posicionaram positivamente, apontando a pesquisa como ‘corajosa’ e ‘essencial’, sobretudo pelo momento vivido pela escola” (Notas do Caderno de Campo, 2018).

Mas como mostra nossos resultados, ainda existe, mesmo que sendo a minoria, um confronto com a família em relação à dança. Podemos perceber pelo relato desse aluno: “Uma parte da minha família apoia, mas a outra parte, não, pelo fato de danças relacionadas à cultura Africana.” (dançarino E), a partir desse comentário realizei uma aproximação com a abordagem de Ferreira (2019, p.67), que aponta:

Ao assumir a Festa Junina como um projeto de ensino, os professores dedicaram-se a elaborar, junto com os alunos e as alunas, coreografias que os aproximassem do tema, trazendo-os para a autoria, para a reflexão e não apenas para a execução da dança. Assim, mesmo aqueles estudantes que não querem, ou não podem (é comum a existência de crianças e adolescentes que desejam dançar, mas não o fazem devido à proibição das famílias, indisponibilidade de tempo ou orientações religiosas) dançar no dia da festa, passaram a participar de todo o processo de elaboração, experimentando a dança, independentemente de se apresentarem ou não.”

Neste estudo em questão, as danças trabalhadas pelo Grupo Sarandeiros podem ser definidas como danças folclóricas, tradicionais ou típicas, que apresentam, muitas vezes, papéis masculinos socialmente definidos, como as danças gaúchas. Entretanto, outros conflitos podem levar à proibição da prática deste estilo de dança, por exemplo, a orientação religiosa, encontrada em danças como os Congados e o Maracatu. Então eu levanto o seguinte questionamento: Se fosse o ballet clássico ou hip-hop, o apoio da família seria diferente? Outros estudos podem problematizar e tentar responder a esta questão.

Como é a relação com os colegas que não dançam com o fato de você dançar?

Embora fazer parte do Grupo de Dança fosse um desejo de alguns meninos, a vigilância de gênero orquestrada por seus familiares era um impedimento direto de acesso a essa prática. Impedimento esse incompreendido por *Clary* e capaz de causar sua revolta. Mas a família não é o único agente da vigilância e, tampouco, a interdição o seu único efeito. Nessa experiência, os meninos e meninas também colocam em cena as ações de colegas da escola e de outros ambientes como agentes da vigilância de suas fronteiras de gênero, provocando a necessidade constante de negociação da dança para os meninos ou, até mesmo, o seu abandono. (FERREIRA, 2019. p.159).

Partindo da fala de Ferreira, dialogando com a análise sobre a relação dos meninos que dançam com os colegas que não dançam, percebemos que as respostas ficaram bem divididas. Foi notado que, a partir das entrevistas, os alunos não souberam mensurar se a relação com os colegas era positiva ou negativa, pois indicavam mudanças de comportamento em relação ao fator tempo. Uma parte dos meninos respondeu que alguns colegas ficavam “zoando” no início, começavam a rir quando estava praticando alguns passos, falando que “é coisa de gay”, outros achavam um pouco feminino, pensavam que dança não é para meninos e que no começo, quando começou a dançar, também sofreu com piadas de mau gosto e homofóbicas, mas com o passar do tempo e com o apoio da escola, a opinião dos colegas também foi mudando. Segue alguns relatos:

“No Santo Agostinho os alunos respeitam no geral essa opção de fazer parte de um grupo, entretanto ainda ocorrem piadas homofóbicas em relação a isso.”. (dançarino P)

“Alguns pensam que dançar não é pra meninos, outros gostam, mas têm vergonha de participar.”. (dançarino U)

“Alguns fazem brincadeiras, mas é sempre por zoar mesmo, sem ofender e eu levo na esportiva.”. (dançarino W)

“Alguns acham legal, outros já falam que é coisa de gay.”. (dançarino Z)

“Alguns colegas começam a rir quando eu fico treinado alguns passos aleatórios, porém outros dizem que eu danço muito bem.”. (dançarino B)

“Eles não ligam muito para isso, mesmo com alguns achando que é um pouco feminino.”. (dançarino N)

Fica evidente nas falas dos meninos que existe, sim, um preconceito por parte de alguns colegas, preconceitos que partem de uma construção social de que dançar ainda é algo para meninas e que se a dança for praticada por meninos, eles então passarão a ter que enfrentar questões homofóbicas. FERREIRA (2019, p. 160) corrobora:

Percebemos essas estratégias de enfrentamento da homofobia geral como uma negociação de gênero, ou seja, um modo de negociar a flexibilização da fronteira de gênero em relação à prática de dança com os diferentes agentes da vigilância. Uma vez que, numa perspectiva dual e tradicional de gênero, a dança não está

determinada para os homens, os meninos que dançam na escola parecem necessitar negociar essa experiência com as interpelações dos colegas.

É necessário que, como professores e professoras, nos atentemos às ações que parecem promover a ampliação das fronteiras de gênero, – como fazer com que os meninos possam dançar - mas não diminuam, ou até aumentam, o grau de rejeição às sexualidades não normativas – falar que os meninos que dançam não são gays, como se o “ser gay” continuasse sendo um problema. (FERREIRA, 2019, p.194).

Em meio aos relatos negativos, também encontramos relatos positivos sobre os colegas. Acreditamos que, apesar das dificuldades e falta de apoio de alguns colegas, sempre irão existir aqueles que vão fortalecer o movimento da dança dentro da escola, apoiando, elogiando, incentivando, sem preconceitos.

“A maioria acha super legal, porque acham as danças interessantes e pelo fato de ajudá-los a entenderem a cultura representada na dança.”. (dançarino G)

“No início, todos olhavam com maus olhos, mas o tempo e a convivência mudou um pouco a cabeça de todos, provavelmente a escola teve grande influência também, então hoje todos eles me elogiam bastante e gostam, apesar de não participarem.”. (dançarino U)

“Eles apoiam e sem elogiam muito, seja nas apresentações ou em quaisquer atividades que envolvam a dança. Até mesmo em eventos, como a festa junina, e em trabalhos de educação física que envolva dança, eles me pedem ajuda e eu sempre ajudo com prazer.”. (dançarino K)

“Os meus colegas que não dançam acham muito legal e nunca aconteceu de um colega me zoar por causa do Sarandeiros.”. (dançarino M)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consideração final, busco as respostas da última pergunta do questionário: “Qual é importância da dança na sua vida?”. Tais respostas dos alunos nos levam às possíveis conclusões para esta pesquisa.

Observou-se neste estudo que muitos dos meninos não dançavam antes de participar do projeto extracurricular da escola e que apenas se sentiram incentivados a quererem dançar, ou pelo convite de amigos que já dançavam, ou assistindo às apresentações do projeto do Grupo Sarandeiros. Dessa forma, identificamos nas falas dos entrevistados que as referências sobre o ato de

dançar devem levar em consideração a percepção estética, a valorização da família e dos amigos, tornando-se fundamentais na opção de gostar e querer realizá-la ou não. Por isso, diferentes vivências e experiências podem ser um primeiro caminho para que os meninos se sintam estimulados a dançar, e se permitam experimentar as muitas possibilidades corporais que essa prática oferece: “Dançar pra mim é ter meu momento, ser a minha própria pessoa, sem julgamentos ou estranhamentos, mas, ao mesmo tempo, ser uma infinidade de outras pessoas/personagens e, assim, experimentar novos movimentos, provas práticas, novos pontos de vista etc.”. e “A dança atualmente tem sido um dos momentos mais felizes da minha semana e se mostrou uma coisa importante e que eu amo na minha vida, em um momento inusitado e tarde. Gostaria de ter começado a dançar antes.”.

À medida que oportunidades de vivência e de reflexão sobre a dança forem oferecidas aos meninos, eles terão condições de, criticamente, posicionar-se a respeito das muitas questões que a experimentação da dança traz, inclusive, tendo condições de desconstruir ideias, tais como a de que “dança é coisa de menina”, ou a de que “toda menina gosta de dança e todo menino gosta de esporte”. Esse caso pode ser ilustrado ainda pelo trecho: “Não sei o que seria da minha vida sem dança. Danço, durante o dia, no banheiro, no meio da sala, em casa, nas festas e em todo lugar possível. Eu amo dançar qualquer tipo de dança e nem por isso sou menos homem. Digo que a dança me apresentou minha segunda família: Sarandeiros.”. e por último, “A importância da dança na minha vida é de mostrar que dança não é só de menina e nela eu aprendo novas culturas.”.

Portanto, sugerimos que cabe ao professor de educação física, trabalhar com as diferentes culturas de movimento, estando preparados e embasados cientificamente para debater e questionar os seus alunos sobre a caracterização sexistas e de gênero estipuladas por cada prática dentro das aulas. Outra questão apontada diz respeito à importância da dança como um processo de construção cultural, o que pode possibilitar ao professor estabelecer relações entre a prática e a teoria:

“Além de ser uma atividade física, a dança me fez aprender e a evoluir muito, tendo contato com a cultura brasileira em sua raiz, entendendo cada grupo que compõem essa sociedade, além de me proporcionar momentos maravilhosos com meus amigos nas apresentações e viagens.”. (dançarino A)

“A dança me fez enxergar o mundo com outros olhos e me fez entender um pouco sobre a cultura de cada região do mundo.”. (dançarino R)

“É importante, pois, com 4 anos que eu tenho de Sarandeiros, aprendi muito mais do que dançar, aprendi a respeitar culturas, conhecer novos amigos e muito mais.”. (dançarino Y)

Por fim, os objetivos deste estudo foram alcançados através da análise das respostas dos dançarinos para compreender melhor a percepção e relação dos meninos com a dança e suas interfaces com a família, com os colegas e com a escola. Entretanto, por limites da própria pesquisa, compreendemos que é um tema que deve continuar a ser estudado e problematizado dentro do ambiente escolar. A dança como uma unidade temática busca por formas de socialização, estudo e construção do conhecimento, um lugar saudável para as diversidades e os direitos humanos, onde todos possam ter espaço de expressão e pensamento. A dança não é uma disciplina, ela pode ser também área de conhecimento, tanto das artes como da educação física, mas a busca não deve ser por reserva de mercado, mas, sim, entendendo o papel fundamental que o ato de dançar no ambiente escolar pode ser transformado na vida dos alunos e, neste estudo, especialmente dos meninos:

“A dança foi uma completa surpresa, nunca havia me imaginado dançando e me faz bem, todas as vezes que eu estou no grupo esqueço de todos os problemas, a emoção dentro do palco é sensacional e, além disso, conviver e aprender com diferentes culturas e opiniões foi muito importante pra minha melhora como pessoa.”. (dançarino V)

“Eu penso que a dança me deixa livre para expressar o que eu penso e é também um momento de descontração.”. (Aluno W)

“Eu tenho uma relação muito próxima com a música e a dança, é uma coisa que me deixa feliz e por isso penso que não conseguiria viver sem ela.”. (dançarino S)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, Gênero e Sexualidade: Um olhar Cultural. **Revista Conjectura**, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Arte:** Brasília, 1998. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular, área de Linguagens, Educação Física, tópico 4.1.3**, Governo Federal. Brasília: MEC/SEF, 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica:** para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO. Departamento de Arte e Cultura (Deac). Disponível em: <http://bh.santoagostinho.com.br/deac>

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 185-206.

DO NASCIMENTO, Thaianie Bonaldo; DE CASTRO, Felipe Barroso. O Ensino da dança nas aulas de Educação Física escolar e a compreensão dos meninos. **Biomotriz**, v. 10, n. 1, p. 90 - 103, 2016.

_____; SAWITZKI, Rosalvo Luis. Formação de professores de educação física: perspectiva da dança escolar para meninos. **Revista Didática Sistêmica**, v. 15, n. 2, p. 102-112, 2014.

FERREIRA, Petrônio Alves. **Coreografias juvenis:** gênero e sexualidades na cena escolar. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.71-83, 2010.

KLEINUBING, Neusa; SARAIVA, Maria et al. Dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 1. trim. 2013.

MINAYO, Maria Cecília Souza. (org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEREIRA, Nelza dal Santo; VOLSKI, Verônica. O preconceito e o homem que dança: Uma reflexão nas aulas de Educação Física. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense:** Na perspectiva do professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2013. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_edfis_artigo_nelza_dal_santo.pdf Acesso em: 11 de abril de 2019.

ROCHA, Daniela e RODRIGUES, Graciele. A dança na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Volume 6, número 3, 2017.

SANTOS, Marcos Liparini. **A experiência do Grupo Sarandeiros do Colégio Santo Agostinho**: Fatores e Condições motivacionais em ingressar e participar de um projeto extracurricular de danças brasileiras. Monografia (Licenciatura em Educação Física) Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

SEFFNER, Fernando; SANTOS, Éderson Costa. Ser homem, ser bom aluno, ser dançarino: tudo isso se aprende na escola? **Revista Artíficos**, v. 2, n. 4, 2012.

SOUZA, Paulo Henrique Pinheiro. **Meninos não dançam: uma questão de gênero?**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

VERDERI, Erica Beatriz Lemes Pimentel. **Dança na Escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA
OCUPACIONAL -EEFTO

31270-901 BELO HORIZONTE - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz).

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**Meninos também dançam... Um estudo sobre dançarinos na Escola**”. Este projeto de trabalho de conclusão de curso está sendo realizado por Luciene Garcia Da Silva sob a orientação do professor Dr. Gustavo Pereira Côrtes e coorientação do Me. Petrônio Alves Ferreira. Como técnica de coletas de dados utilizar-se-á análise de questionário.

Nesta pesquisa pretendemos investigar a experiência de meninos que dançam no contexto escolar. Ao compreender melhor a percepção e relação dos meninos com a dança e suas interfaces com a família, com os colegas e com a escola. Como o fato de dançar é atravessado pelas relações com os colegas, com a família e com a escola?

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. **Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim sua identidade será preservada.** A pesquisa contribuirá para **fornecer dados acerca da relação dos meninos com a dança, além de possibilitar melhores possibilidades para atuação do profissional de educação física com o conteúdo danças na escola.**

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a

permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
portador (a) do documento de Identidade _____ (se já
tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa,
de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a
qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu
responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar.
Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que
concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de
consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as
minhas dúvidas.

Eu _____,
responsável legal pelo(a) menor _____,
consinto na sua
participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido
devidamente esclarecido.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) responsável

Assinatura do pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Luciene Garcia da Silva

Endereço: Av. Augusto de Lima 249, AP 1403

Bairro Centro

CEP: 30190 000 /Belo Horizonte – MG

Fone: (31) 988487998

E-mail: lucienegarcia1@gmail.com

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO



MENINOS TAMBÉM DANÇAM: UM ESTUDO SOBRE DANÇARINOS NA ESCOLA

Aluna: Luciene Garcia da Silva

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Côrtes

Coorientador: Me. Petrônio Alves Ferreira

Prezado dançarino,

Este questionário é parte de uma pesquisa que pretende investigar e compreender a relação dos meninos com a dança no contexto escolar.

Por favor, responda as questões abaixo devolvendo ao aplicador após concluir. Não é necessário identificar-se neste questionário ou para o aplicador.

Agradeço, desde já, pela colaboração!

1. Quantos anos você tem?

2. Qual a série / ano que você esta cursando agora na escola?

3. Sobre a relação que você tem com a dança, você já dançava antes do projeto do Grupo Sarandeiros? **Sim:** **Não:**

Se sim, onde?

4. Você sentiu vontade de entrar para o projeto do Grupo Sarandeiros por causa das aulas de dança dentro da Educação Física? **Sim:** **Não:**

5. Se a resposta anterior for **NÃO**, o que te levou a participar do projeto do Grupo Sarandeiros?

6. Se a resposta da questão número 4 foi **SIM**, o que te incentivou nas aulas de dança na Educação Física?

7. Sobre sua família, como sua família lida com o fato de você dançar? Sempre te incentivaram?

8. Sobre seus colegas, como é a relação dos seus colegas que não dançam com o fato de você dançar?

9. Qual a importância da dança na sua vida?

Obrigada!